



VII SEMINÁRIO FORMAÇÃO DOCENTE

INTERSECÇÃO ENTRE UNIVERSIDADE E ESCOLA

"Subsídios para a construção do Plano Nacional de Educação, Plano Estadual de Educação do MS e dos Planos Municipais de Educação"

DOURADOS-MS, DE 04 A 06 DE AGOSTO DE 2025

MORAR E ESTUDAR EM OUTRO LUGAR: Uma leitura intercultural da experiência do estudante

Phoibe NINDOKORA (PPGEdu/UFGD)¹
Fundect

RESUMO: Este artigo analisa a experiência intercultural de uma doutoranda burundiana matriculada na Universidade Federal da Grande Dourados (Brasil), destacando os desafios, as desigualdades e os aprendizados decorrentes da mobilidade estudantil. A reflexão cruza um relato pessoal com as análises de Murphy-Lejeune (2003), Paige (1993), Rousseau (1755) e a noção de "dupla ausência" desenvolvida por Sayad (1999). A história começa com a descrição de preparativos complexos: a ausência de uma embaixada brasileira no Burundi, a necessidade de viajar para um país vizinho para obter visto, a dificuldade de acesso a dólares americanos e o alto custo das passagens aéreas. A chegada ao Brasil revela uma série de choques: um golpe em São Paulo, o medo generalizado alimentado por conselhos conflitantes, as dificuldades de chegar ao destino e uma sensação de vulnerabilidade. Na universidade, as desigualdades se manifestam na linguagem das aulas, nas plataformas digitais e no isolamento social, impondo aos estudantes estrangeiros as mesmas avaliações que aos locais. Essas situações ilustram a "desigualdade institucionalizada" evocada por Rousseau. Apesar de tudo, o apoio do meu orientador acadêmico, de alguns alunos e da administração permitiu uma resiliência gradual, fomentando a construção de uma identidade híbrida (Murphy-Lejeune, 2003). Essa experiência demonstra que a mobilidade estudantil é um teste de transformação, mas que requer políticas de acolhimento mais inclusivas.

Palavras-chave: mobilidade estudantil; choque cultural; desigualdades acadêmicas.

1 Introdução

A mobilidade estudantil internacional tornou-se um componente essencial do ensino superior contemporâneo. Frequentemente apresentada como uma oportunidade única de crescimento acadêmico e pessoal, ela traz consigo desafios estruturais e emocionais que transformam profundamente aqueles que a vivenciam (Paige, 1993).

Para o estudante estrangeiro, viver em outro país envolve vivenciar o que Abdelmalek Sayad (1999) chama de dupla ausência: ausência do país de origem e ausência de reconhecimento pleno no país de acolhimento. Em outras palavras, não se sente mais inteiramente em casa em lugar nenhum.

¹ Doutoranda do PPEGEDU/UFGD, participante do Programa de Mobilidade Internacional do GCUB, bolsista da Fundação de Apoio ao Desenvolvimento de Ensino, Ciência e Tecnologia do Mato Grosso do Sul (FUNDECT).



VII SEMINÁRIO FORMAÇÃO DOCENTE

INTERSECÇÃO ENTRE UNIVERSIDADE E ESCOLA

"Subsídios para a construção do Plano Nacional de Educação, Plano Estadual de Educação do MS e dos Planos Municipais de Educação"

DOURADOS-MS, DE 04 A 06 DE AGOSTO DE 2025

Este estudo se concentra na experiência de uma estudante estrangeira recém-chegada ao Brasil, como parte de um doutorado em educação.

O objetivo é duplo: por um lado, analisar essa experiência sob o prisma de trabalhos acadêmicos recentes sobre expatriação estudantil e, por outro, identificar as condições que favorecem a integração bem-sucedida em um contexto sociocultural distinto. Este trabalho se insere em uma abordagem de relato de experiência, buscando conectar a experiência pessoal e a reflexão acadêmica, a fim de contribuir para a compreensão das dinâmicas interculturais nas universidades brasileiras.

O trabalho está estruturado partindo primeiramente da apresentação da experiência, as motivações e preparações para a mudança, para depois traçar os primeiros desafios que marcaram essa trajetória.

2 Experiência pessoal de expatriação estudantil

A expatriação estudantil é uma experiência profundamente transformadora, marcada por dinâmicas complexas de adaptação social, cultural e identitária. Diversos estudos recentes demonstram que a experiência de estudantes internacionais não se limita à aquisição de conhecimento acadêmico; é também um processo de auto redefinição em um ambiente estrangeiro.

Como Zhang (2023, p. 45) aponta, "estudantes estrangeiros frequentemente vivenciam uma oscilação entre curiosidade e isolamento; sua presença é marcada por uma invisibilidade social que questiona seu senso de pertencimento". Essa tensão entre descoberta e solidão é uma constante nas histórias de estudantes em trânsito.

A identidade, em particular, torna-se um terreno mutável e híbrido, onde as referências culturais de origem e as demandas de adaptação ao contexto anfitrião se sobrepõem. Segundo Li (2022, p. 118), "a construção da identidade de um estudante internacional é multidimensional, mesclando referências culturais de origem e estratégias de adaptação ao novo contexto". Essa experiência revela um processo de negociação permanente de identidade, que pode ser fonte de crescimento pessoal, mas também de conflitos internos.



VII SEMINÁRIO FORMAÇÃO DOCENTE

INTERSECÇÃO ENTRE UNIVERSIDADE E ESCOLA

"Subsídios para a construção do Plano Nacional de Educação, Plano Estadual de Educação do MS e dos Planos Municipais de Educação"

DOURADOS-MS, DE 04 A 06 DE AGOSTO DE 2025

Nessa perspectiva, o método autoetnográfico parece ser uma ferramenta essencial para a compreensão profunda dessas realidades. Ele permite a transformação de uma experiência individual em rico material acadêmico que esclarece as dinâmicas emocionais e culturais subjacentes. Como afirmam Ellis, Adams e Bochner (2011, p. 273), "a narrativa autoetnográfica permite a transformação de uma experiência individual em material acadêmico que revela as dinâmicas culturais e emocionais subjacentes".

Além disso, diversos estudos estruturam a experiência internacional em fases sucessivas. Smith e Martins (2023, p. 89) identificam três momentos-chave: "a fase preliminar antecipação, a fase liminar do confronto intercultural e a fase pós-liminar da integração ou retorno". Essa abordagem nos permite entender como as emoções, expectativas e estratégias evoluem ao longo do tempo, desde a preparação para a partida até a integração ou a decisão de partir.

Por fim, a expatriação nem sempre termina com o fim da jornada acadêmica. As experiências pessoais influenciam profundamente as escolhas de vida subsequentes, incluindo a decisão de permanecer ou retornar ao país de origem. Como explica Rao (2021, p. 67), "a decisão de permanecer ou partir após os estudos não está apenas ligada às políticas de migração, mas também à capacidade do aluno de criar um senso de lar no país anfitrião". Essa dimensão destaca a agência do aluno, capaz de moldar sua própria ancoragem, apesar das restrições externas.

Assim, a literatura atual sobre a expatriação estudantil enfatiza tanto a complexidade emocional e identitária desta experiência, como a importância das narrativas pessoais para compreender melhor as questões humanas por trás da mobilidade acadêmica. Essas análises fornecem uma estrutura relevante para lançar luz sobre a experiência de Phoibe Nindokora, uma estudante de origem burundiana na África, que chegou recentemente ao Brasil, na América do Sul.

3 Motivações e preparativos para a partida

A decisão de me mudar para o Brasil para fazer um doutorado foi baseada em várias motivações: a reputação de um sistema educacional rico e diverso, o desejo

Realização:



Apoio:





VII SEMINÁRIO FORMAÇÃO DOCENTE

INTERSECÇÃO ENTRE UNIVERSIDADE E ESCOLA

"Subsídios para a construção do Plano Nacional de Educação, Plano Estadual de Educação do MS e dos Planos Municipais de Educação"

DOURADOS-MS, DE 04 A 06 DE AGOSTO DE 2025

de desenvolver competência intercultural e a ambição de fortalecer minha pesquisa em educação.

No entanto, a preparação não foi fácil. Não há embaixada brasileira no Burundi, então tive que viajar para um país vizinho para obter o visto. Os procedimentos administrativos foram longos e caros. Além disso, o acesso a dólares americanos não foi fácil: a escassez da moeda tornava a compra de uma passagem aérea particularmente cara.

Apesar desses obstáculos, fui impulsionado pela ideia, às vezes idealizada, de que o Brasil seria um país acolhedor e repleto de oportunidades educacionais. Essa idealização, como aponta Murphy-Lejeune (2003, p. 58), é comum: "O projeto de mobilidade é frequentemente impulsionado por uma representação idealizada do país anfitrião, que, por sua vez, entra em choque com a realidade."

4 Choque culturais e acadêmicos enfrentados

4.1 Primeiros passos em São Paulo: um golpe revelador e uma onda de solidariedade

Assim que cheguei ao aeroporto brasileiro em São Paulo, presenciei um episódio marcante. Um homem, que se apresentou como gentil, ofereceu-se para me ajudar, como demonstra o seguinte diálogo:

Homem: *Aonde você vai?*

Eu: *Em Dourados, na UFGD.*

Homem: *Posso te ajudar levando você até a rodoviária.*

Eu: *Obrigado, mas antes de tudo preciso de um cartão SIM para me comunicar.*

Homem: *Como estrangeiro, não é fácil conseguir uma. Vamos comprar sua passagem de ônibus primeiro para você não perder a das 20h.*

Ele então explicou que eu teria que trocar todo o meu dinheiro em São Paulo porque não seria possível em Dourados. Confiei minhas economias a ele. Ele foi embora para "trocar" e nunca mais voltou. Quando contei a história para um motorista de ônibus, ele simplesmente disse: "Ele era um ladrão".

Esse episódio me lembrou brutalmente da minha ingenuidade de recém-chegada. No entanto, nas horas que se seguiram, a administração da universidade e



VII SEMINÁRIO FORMAÇÃO DOCENTE

INTERSECÇÃO ENTRE UNIVERSIDADE E ESCOLA

"Subsídios para a construção do Plano Nacional de Educação, Plano Estadual de Educação do MS e dos Planos Municipais de Educação"

DOURADOS-MS, DE 04 A 06 DE AGOSTO DE 2025

alguns estudantes me ajudaram espontaneamente: me emprestaram um telefone, me tranquilizaram e me ajudaram a chegar a Dourados. Essa solidariedade compensou o choque inicial.

4.2 Conselhos conflitantes e medo generalizado

No alojamento da universidade, meus primeiros contatos com estudantes brasileiros só aumentaram minha confusão. Um deles me alertou:

"Há pessoas perigosas aqui, especialmente bêbados e moradores de rua. Você precisa aprender a se defender."

Não confiando nessa primeira opinião, perguntei a outra:

"Seria ainda mais perigoso para um estrangeiro bater num brasileiro. Só evite andar por aí à noite."

Desde então, tenho sentido um medo difuso, como uma vigilância constante. Mesmo hoje, depois de vários meses, limito minhas saídas noturnas. Esse sentimento de insegurança corresponde ao que Kim (2001) chama de fase de desorientação no processo de adaptação intercultural.

4.3 Choques linguísticos e desigualdades acadêmicas

O maior choque que tive provavelmente foi em sala de aula, onde os professores falavam primordialmente em português. Eu não entendia nada, mas tive que fazer as mesmas provas que os outros alunos brasileiros. Me senti um aluno em defasagem, incapaz de acompanhar.

Além disso, todas as informações administrativas e educacionais foram digitalizadas em plataformas com as quais eu não estava familiarizada. Sem suporte linguístico ou tecnológico, vivenciei a desigualdade estrutural. Rousseau (1755) já havia escrito: "Na sociedade, as instituições reproduzem desigualdades sob o disfarce de igualdade". Essa situação era a ilustração perfeita.

Sayad (1999) chama isso de dupla ausência: Eu não estava mais inteiramente no meu sistema educacional de origem, mas ainda não estava integrado ao do Brasil.

5 Transformações de aprendizagem e identidade

Realização:



Apoio:





VII SEMINÁRIO FORMAÇÃO DOCENTE

INTERSECÇÃO ENTRE UNIVERSIDADE E ESCOLA

"Subsídios para a construção do Plano Nacional de Educação, Plano Estadual de Educação do MS e dos Planos Municipais de Educação"

DOURADOS-MS, DE 04 A 06 DE AGOSTO DE 2025

Apesar das dificuldades, da vergonha inicial, do medo generalizado, da sensação de isolamento na sala de aula, desenvolvi gradualmente resiliência. Com o tempo, comecei a perceber os códigos implícitos, a formar pequenos hábitos e a me adaptar.

Murphy-Lejeune (2003, p. 115) destaca que: "O estudante em movimento raramente retorna inalterado: ele adquire uma visão descentralizada, uma identidade mais ampla." Já sinto essa transformação: não sou mais apenas burundês, agora carrego dentro de mim uma parte dessa realidade brasileira.

6 Estratégias de adaptação e apropriação do novo ambiente

Diante desses desafios, diversas estratégias de adaptação emergiram gradualmente. Como sugerem Ellis, Adams e Bochner (2011), a auto reflexividade é um recurso essencial para transformar dificuldades em aprendizagem intercultural. Por isso, optei por me envolver ativamente em atividades de integração: participação em grupos de estudantes estrangeiros, cursos intensivos de português e interações regulares com colegas locais.

Aos poucos, esses esforços combinados começaram a dar frutos. O idioma continuou sendo um desafio, mas cada nova interação, por mais imperfeita que fosse, fortalecia minha confiança. Descobri que, apesar dos mal-entendidos iniciais, muitos brasileiros estavam dispostos a adaptar seu ritmo de fala ou misturar palavras em inglês para facilitar a comunicação.

Além disso, estabelecer rotinas (compras, transporte, vida universitária) ajudou a estabilizar minha relação com o espaço. Como observa Rao (2021), a capacidade de criar um senso de lar no país anfitrião depende tanto de políticas institucionais quanto de iniciativas pessoais. No meu caso, essa construção foi alcançada por meio de pequenos marcos. Para recuperar o equilíbrio, implementei estratégias de integração. Pratico esportes, vou ao supermercado sozinha, ando por aí observando as realidades locais. Esses gestos simples, mas repetidos, me ajudam a ganhar confiança.

Aos poucos, estou aprendendo a ler sinais culturais, a decodificar interações, a me afirmar sem me perder.



VII SEMINÁRIO FORMAÇÃO DOCENTE

INTERSECÇÃO ENTRE UNIVERSIDADE E ESCOLA

"Subsídios para a construção do Plano Nacional de Educação, Plano Estadual de Educação do MS e dos Planos Municipais de Educação"

DOURADOS-MS, DE 04 A 06 DE AGOSTO DE 2025

Essa apropriação gradual do novo ambiente mostra que a adaptação não é uma assimilação total, mas uma negociação constante entre dois mundos.

7 Análises e reflexão crítica

Comparando minhas expectativas pré-partida com a realidade que vivenciei, tomei consciência da extensão do processo de adaptação. A teoria do choque cultural de Oberg (1960) mostrou-se relevante: após uma fase inicial de euforia, marcada pela curiosidade e entusiasmo pela descoberta de um novo ambiente, passei por um período de desorientação. As dificuldades linguísticas e a complexidade dos procedimentos administrativos levaram a uma certa frustração.

No entanto, fatores facilitadores amenizaram essa fase crítica. O apoio de outros estudantes internacionais, a acolhida calorosa de alguns professores e os recursos oferecidos pela UFGD promoveram uma melhor compreensão dos códigos culturais brasileiros. Gradualmente, desenvolvi estratégias de adaptação, como imersão no idioma e participação em atividades acadêmicas e sociais.

Essa experiência também me levou a refletir sobre a dinâmica da inclusão nas universidades brasileiras. Embora o país esteja aberto à mobilidade internacional, ainda existem lacunas nos arranjos institucionais de apoio a estudantes estrangeiros: falta de programas de orientação adequados, falta de tradução de documentos administrativos e baixa preparação intercultural das comunidades universitárias locais. Essas constatações são consistentes com as análises de Silva e Santos (2022), que destacam a necessidade de políticas mais inclusivas para estudantes africanos em migração.

8 Conclusão e perspectiva

Esta experiência demonstra que a mobilidade estudantil internacional é muito mais do que uma simples mudança geográfica: é uma jornada existencial. Ela obriga os estudantes a confrontarem suas próprias limitações, repensarem sua identidade e se reinventarem dentro de um contexto cultural diferente.

Mas também revela as áreas cinzentas dos sistemas de recepção. Por trás da imagem de uma universidade internacional, aberta e igualitária, escondem-se



VII SEMINÁRIO FORMAÇÃO DOCENTE

INTERSECÇÃO ENTRE UNIVERSIDADE E ESCOLA

"Subsídios para a construção do Plano Nacional de Educação, Plano Estadual de Educação do MS e dos Planos Municipais de Educação"

DOURADOS-MS, DE 04 A 06 DE AGOSTO DE 2025

barreiras invisíveis: a língua, o domínio das ferramentas digitais, as redes informais e a percepção social dos estrangeiros.

Portanto, é crucial que as universidades fortaleçam suas políticas de acolhimento: cursos de idiomas adaptados, apoio tecnológico, apoio psicológico, mediação cultural. Sem isso, a mobilidade estudantil corre o risco de reproduzir hierarquias, em vez de reduzi-las.

Para o aluno, no entanto, essa experiência permanece formativa. Ela ensina paciência, resiliência e a capacidade de navegar entre dois mundos. Como diz Murphy-Lejeune (2003, p. 115): "O aluno em mobilidade raramente retorna inalterado: ele ou ela adquire uma visão descentralizada, uma identidade ampliada, mesmo que retenha os dolorosos traços do exílio."

Em última análise, viver e estudar em outro lugar significa aceitar vulnerabilidades, mal-entendidos e choques, mas também significa acessar uma compreensão mais profunda das desigualdades e riquezas interculturais.

REFERÊNCIAS

ALTBACH, P. G. **Tradition and transition: The international imperative in higher education**. Rotterdam: Sense Publishers, 2007.

KIM, Y. Y. **Becoming intercultural: An integrative theory of communication and cross-cultural adaptation**. Thousand Oaks: Sage, 2001.

MURPHY-LEJEUNE, E. *L'étudiant européen voyageur, un nouvel étranger*. Paris: Didier Érudition, 2003.

PAIGE, R. Michael. **Education for the intercultural experience**. Yarmouth: Intercultural Press, 1993.

RAO, P. From India to Canada: An autoethnographic account of an international student's decision to settle. **Journal of International Migration and Integration**, v. 22, p. 55-72, 2021.

ROUSSEAU, J. J. **Discours sur l'origine et les fondements de l'inégalité parmi les hommes**. Amsterdam: Marc Michel Rey, 1755.

SAYAD, A. **La double absence : des illusions de l'émigré aux souffrances de l'immigré**. Paris: Seuil, 1999.



VII SEMINÁRIO FORMAÇÃO DOCENTE

INTERSECÇÃO ENTRE UNIVERSIDADE E ESCOLA

"Subsídios para a construção do Plano Nacional de Educação, Plano Estadual de Educação do MS e dos Planos Municipais de Educação"

DOURADOS-MS, DE 04 A 06 DE AGOSTO DE 2025

SMITH, K.; MARTINS, A. The Experience of International Students: Biographical Narratives and Identities. **Society**, v. 60, n. 1, p. 80-96, 2023

Realização:

Apoio:

